



EDUCAÇÃO, ARTE E EXPERIÊNCIA: A VISITA AO MUSEU OSCAR NIEMEYER COMO PRÁTICA FORMATIVA

EDUCATION, ART, AND EXPERIENCE: THE VISIT TO THE OSCAR NIEMEYER MUSEUM AS A FORMATIVE PRACTICE

Levi Corrêa Lopes ¹

Faculdade Sesi de Educação/ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Resumo: Este artigo analisa os impactos de uma visita cultural ao Museu Oscar Niemeyer (MON), realizada em 2024 com estudantes do 2º ano da Licenciatura em Linguagens da Faculdade Sesi-SP de Educação. A atividade foi concebida como estratégia pedagógica para articular teoria e prática no ensino das artes e das relações étnico-raciais, ampliando o repertório crítico e cultural dos participantes. A escolha do museu como espaço educativo fundamenta-se na compreensão da educação não formal como território de aprendizagem e cidadania (Gohn, 2006), e na concepção do museu como lugar vivo de memória, identidade e resistência (Oliveira, 2021). A experiência também se apoiou em referenciais como a pedagogia crítica de Paulo Freire (2008), a aprendizagem expansiva de Engeström (2001) e a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa (1998, 2010), articulando apreciação, contextualização e produção. A metodologia envolveu atividades preparatórias, observação participante e rodas de conversa, configurando uma prática intencional de mediação cultural. Os resultados indicam que a visita possibilitou não apenas a ampliação estética e cultural, mas também a construção de um capital cultural coletivo, a vivência da arte como prática micropolítica e a formação intercultural dos licenciandos. Conclui-se que experiências imersivas em espaços culturais, quando integradas à formação docente, ampliam horizontes pedagógicos, fortalecem identidades docentes em formação e consolidam o museu como território educativo, crítico e de resistência.

Palavras-chave: formação docente; educação não formal; mediação cultural; museu Oscar Niemeyer; interculturalidade.

Abstract: This article analyzes the impacts of a cultural visit to the Oscar Niemeyer Museum (MON), carried out in 2024 with second-year students of the Language Teaching Program at Faculdade Sesi-SP de Educação. The activity was designed as a pedagogical strategy to articulate theory and practice in the teaching of arts and ethnic-racial relations, while expanding the participants' critical and cultural repertoire. The choice of the museum as an educational space is based on the understanding of non-formal education as a territory of learning and citizenship (Gohn, 2006), and on the conception of museums as living spaces of memory, identity, and resistance (Oliveira, 2021). The experience also drew on key frameworks such

¹ Doutorando, mestre e bolsista CAPES em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela PUC-SP, especialista em Psicopedagogia Educacional pela FMU e graduado em Licenciatura em Teatro pelo IFCE. Professor-pesquisador da Faculdade Sesi de Educação, responsável pelas unidades curriculares referentes as artes no curso de Licenciatura em Linguagens. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/2638983864962206> ORCID: 0009-0002-0866-5755.



as Paulo Freire's (2008) critical pedagogy, Engeström's (2001) expansive learning, and Ana Mae Barbosa's Triangular Approach (1998, 2010), which integrates appreciation, contextualization, and production. The methodology included preparatory activities, participant observation, and group discussions, shaping an intentional practice of cultural mediation. The results indicate that the visit fostered not only aesthetic and cultural expansion but also the construction of collective cultural capital, the experience of art as a micropolitical practice, and the intercultural formation of future teachers. It is concluded that immersive experiences in cultural spaces, when integrated into teacher education, broaden pedagogical horizons, strengthen teacher identities in formation, and consolidate the museum as an educational, critical, and resistant territory.

Keywords: teacher education; non-formal education; cultural mediation; Oscar Niemeyer museum; interculturality.

1 INTRODUÇÃO

A formação de professores exige cada vez mais experiências que articulem teoria e prática, de modo a preparar o docente para enfrentar os desafios da educação contemporânea. No caso da Licenciatura em Linguagens da Faculdade SESI-SP de Educação, esse princípio se materializa em propostas pedagógicas que integram dimensões acadêmicas, culturais e sociais, assegurando ao futuro professor uma formação crítica, criativa e situada. Nesse contexto, a questão central que orienta este estudo é: como uma experiência imersiva em um espaço cultural pode contribuir para a formação crítica, estética e intercultural de futuros professores de Linguagens?

É nesse horizonte que se insere a visita cultural ao Museu Oscar Niemeyer (MON), realizada em 2024 com os estudantes do 2º ano. A atividade foi concebida como estratégia pedagógica que dialoga diretamente com os objetivos do curso: formar educadores capazes de ler e intervir no mundo a partir das linguagens artísticas e culturais. A experiência no MON revelou-se central como forma de articular teoria e prática, especialmente no ensino das artes e das relações étnico-raciais. A escolha do museu fundamenta-se no reconhecimento dos espaços culturais como territórios educativos, conforme analisa Gohn (2006), que compreende a educação não formal como dimensão essencial da cidadania, e Oliveira (2021), que destaca os museus como lugares vivos de memória, identidade e resistência. O fato de a Faculdade SESI de Educação estar sediada em São Paulo e a atividade ter ocorrido em outro estado,



no Paraná, ampliou ainda mais sua relevância, pois o deslocamento geográfico e cultural permitiu aos licenciandos enriquecerem suas percepções sobre diversidade cultural, memória coletiva e atravessamentos decoloniais.

Essa experiência ganha densidade quando articulada a referenciais que sustentam a prática pedagógica: a aprendizagem expansiva de Engeström (2001), que evidencia como sujeitos em formação elaboram novos modos de agir diante de desafios; a pedagogia crítica de Paulo Freire (2008), que concebe a docência como práxis transformadora; e a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa (1998, 2010), que propõe a integração entre apreciação, contextualização e produção no ensino da arte. Somam-se a esses referenciais as discussões contemporâneas sobre a democratização do acesso à arte, a construção de um capital cultural coletivo e a arte como prática micropolítica, que permitem compreender a visita ao MON como espaço de mediação cultural, de formação identitária e de ampliação dos horizontes docentes.

Assim, este artigo se propõe a refletir sobre os impactos da visita ao MON na formação de professores de Linguagens, evidenciando como essa vivência cultural se inscreve no campo da educação não formal e se articula com a formação formal oferecida pela Faculdade SESI-SP de Educação. No desenvolvimento, serão discutidos os princípios que orientam o curso de Linguagens e sua concepção de docência crítica e interdisciplinar; em seguida, a visita ao MON será analisada como experiência pedagógica, em diálogo com autores que tratam de arte, mediação cultural, memória e cidadania (Freire, Gohn, Barbosa, Rancière, Vygotsky, Dewey, Chauí, Bosi, Oliveira, entre outros). Por fim, serão apresentados os efeitos observados na formação dos licenciandos, indicando como práticas imersivas em espaços culturais contribuem para a democratização da arte, fortalecem identidades docentes em formação e consolidam o museu como território educativo, crítico e de resistência.

2 PRINCÍPIOS QUE ORIENTAM O CURSO DE LINGUAGENS E SUA CONCEPÇÃO DE DOCÊNCIA CRÍTICA E INTERDISCIPLINAR

A Faculdade SESI-SP de Educação tem como diferencial a organização de seus cursos por área de conhecimento, o que possibilita uma formação docente



interdisciplinar e conectada às demandas contemporâneas. No caso da Licenciatura em Linguagens, isso significa articular diferentes componentes curriculares — como literatura, artes visuais, teatro, música, entre outros — de forma integrada, favorecendo que o futuro professor compreenda as linguagens em sua complexidade e em diálogo permanente com outras áreas do saber. Essa perspectiva rompe com a fragmentação disciplinar ainda presente em muitos currículos e fortalece a construção de práticas pedagógicas que tratam a escola como espaço vivo de interações culturais.

Nesse contexto, destaca-se a Unidade Curricular (UC) *Multiletramentos: Objeto Artístico*, cursada pelos licenciandos no semestre em que se realizou a visita cultural. Essa UC busca aproximar os estudantes das práticas contemporâneas de leitura e produção de sentidos por meio da arte, entendendo o objeto artístico como mediador de experiências críticas e criativas. A viagem ao Museu Oscar Niemeyer, realizada em outubro de 2024, foi concebida justamente como desdobramento pedagógico dessa unidade, articulando teoria e prática no contato com múltiplas exposições. Os alunos tiveram a oportunidade de dialogar com obras de Alex Flemming, German Lorca, Poty, bem como com mostras internacionais como *O Mundo Mágico dos Ningyos* e o acervo africano recentemente incorporado ao MON.

Essa vivência proporcionou aos licenciandos não apenas um enriquecimento cultural, mas também a experiência concreta de que a formação docente em Linguagens é atravessada por práticas interdisciplinares e por deslocamentos geográficos e culturais. Viver a experiência museal em outro estado reforçou a compreensão de que a docência se constrói no diálogo com diferentes contextos e realidades socioculturais, ampliando repertórios estéticos e pedagógicos. Além disso, ao relacionar os conteúdos da UC *Multiletramentos: Objeto Artístico* com o que foi observado nas exposições, os estudantes puderam experimentar o exercício da mediação cultural em primeira pessoa — um aprendizado que fortalece tanto sua autonomia crítica quanto sua futura atuação como professores.

3 A VISITA AO MON COMO EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA



Nesse cenário, a visita ao Museu Oscar Niemeyer, em Curitiba, insere-se como experiência pedagógica que fortalece a práxis docente. O contato com acervos artísticos diversos promove nos licenciandos não apenas a ampliação do repertório cultural, mas também a capacidade de problematizar e ressignificar o ensino. Como destaca Ana Mae Barbosa (1998, p. 40), a leitura da obra de arte é “questionamento, busca, descoberta, despertar da capacidade crítica” — um exercício que extrapola os limites da sala de aula e ressoa no cotidiano do professor em formação.

A Abordagem Triangular proposta por Barbosa é especialmente potente para pensar o percurso do professor de artes: ao articular leitura, contextualização e produção, ela aproxima o estudante da experiência estética enquanto prática social. Essa perspectiva guarda parentesco com a pedagogia problematizadora de Freire, pois entende a leitura não como repetição, mas como ato de questionar e descobrir. No MON, esse tripé metodológico se atualiza, permitindo aos futuros docentes vivenciarem a obra de arte como experiência viva, relacional e crítica.

Como observa Merleau-Ponty, citado por Chauí (2003), a obra de arte “recolhe o passado imemorial contido na percepção, interroga a percepção presente e busca, com o símbolo, ultrapassar a situação dada”. Essa compreensão reforça a importância de levar licenciandos a espaços museais: a arte não apenas ilustra conceitos, mas desafia e reinventa formas de ver o mundo. No MON, com exposições que transitam entre o moderno e o contemporâneo, os alunos foram convidados a exercitar esse olhar ativo que, segundo Bosi (2002), é aquele capaz de “medir, definir, caracterizar, interpretar, em suma, pensar”.

A visita também evidencia a necessidade de integrar o ensino de arte a uma perspectiva interdisciplinar. Barbosa (2008, p. 26) lembra que “não basta ensinar arte com horário marcado, é necessário ensinar interdisciplinarmente”, provocando relações entre diferentes territórios do saber. No contexto do MON, a arte dialoga com história, filosofia, política, natureza e ciência, abrindo caminhos para que os licenciandos compreendam a potência do ensino de linguagens em rede, conectado às problemáticas da contemporaneidade.

Além disso, a experiência museal colabora para que os futuros docentes desenvolvam uma postura investigativa e crítica, aproximando-se da noção de



“experiência reflexiva” em Dewey (2004), entendida como processo de indagação e reinvenção. Assim, estar no MON não se reduz a observar obras, mas a transformar percepções em conhecimento pedagógico, capaz de ser reelaborado em práticas de sala de aula. A formação inicial, nesse sentido, deve promover tanto a reconhecimento quanto a reinvenção dos sujeitos que ensinam.

Outra dimensão relevante é a social. Vygotsky (1999, p. 98-99) recorda que a arte, como forma de conhecimento, “nunca poderá ser explicada a partir de um pequeno círculo da vida individual, mas requer forçosamente a explicação de um grande ciclo da vida social”. As obras vistas no MON — de Poty a Warhol, de Alex Flemming a German Lorca — refletem contextos históricos, políticos e culturais que se tornam matéria para uma educação crítica, capaz de conectar alunos às realidades que os cercam e aos desafios globais.

Rancière (1991) também contribui para pensar a mediação docente nesse processo. Para ele, “o segredo do mestre é saber reconhecer a distância entre a matéria ensinada e o sujeito a instruir”. O professor, nesse sentido, não é quem explica a arte, mas quem cria condições para que os alunos se apropriem dela, formulando suas próprias perguntas e interpretações. A visita ao MON reforça essa função de mediação, na qual os licenciandos aprendem não a repetir discursos prontos, mas a escutar, olhar e traduzir experiências em aprendizagens significativas.

4 EFEITOS OBSERVADOS NA FORMAÇÃO DOS LICENCIANDOS

A reflexão de Maria da Glória Gohn sobre a educação não formal amplia o horizonte do debate acerca da formação docente. Para ela, esse campo é caracterizado por processos intencionais que ocorrem em espaços coletivos, fora da escola, e que possibilitam aprendizagens ligadas à cidadania, à convivência e à leitura crítica do mundo. Essa perspectiva se aproxima do que propusemos ao levar os licenciandos ao Museu Oscar Niemeyer: a vivência museal como oportunidade de educação não formal que se soma à formação acadêmica, tornando-se espaço privilegiado de exercício da criticidade e da autonomia.



A distinção que Gohn estabelece entre educação formal, informal e não formal ajuda a compreender a potência da visita ao MON. Enquanto a formal se organiza em currículos e regras, e a informal emerge de socializações espontâneas, a não formal se ancora na intencionalidade de criar experiências de aprendizagem coletiva. Nesse sentido, a ida ao museu não é mero passeio, mas ação planejada que integra a dimensão estética, cultural e política da docência em Linguagens.

Outro ponto destacado por Gohn é que na educação não formal o “outro” se torna educador – seja um par, um mediador cultural ou a própria obra de arte. No MON, os alunos se confrontaram com obras que, em si mesmas, são educadoras, pois convocam à reflexão crítica sobre a realidade social. O encontro com as artes visuais, assim, produz um deslocamento: o professor em formação aprende que educar é também criar situações de diálogo com linguagens e símbolos que ultrapassam o discurso verbal.

A mediação em museus exige que o educador atue como articulador de experiências, não como explicador. Esse ponto converge com Rancière (1991), quando afirma que a função do mestre não é reduzir a distância entre saber e aluno, mas reconhecer e trabalhar com ela. O professor de artes, nesse contexto, precisa assumir-se como mediador que provoca olhares, em vez de oferecer respostas prontas.

Além disso, a literatura sobre museus reforça que esses espaços não podem ser compreendidos apenas como depósitos de objetos, mas como lugares de metamorfose de significados e de mediação cultural. Zarbato (2019) ressalta que os museus funcionam como pontes entre tempos, espaços e culturas, possibilitando ao professor em formação a leitura crítica de objetos como documentos históricos e sociais. Nessa mesma direção, Oliveira (2021, p. 32) enfatiza que “é a partir de práticas sociais e não necessariamente de definições legais que o imaginário social se constitui sobre esses espaços. A necessidade dessa discussão parte, portanto, da potência do museu enquanto espaço para produção de sentido dos públicos, dos educadores e da própria instituição a partir dos conteúdos apresentados, e da relação intrínseca entre o museu e a sociedade”. Nesse sentido, a visita ao MON ampliou a



capacidade investigativa dos licenciandos, estimulando-os a transformar obras em fontes de indagação e reflexão pedagógica.

Outro aspecto relevante observado na visita ao MON diz respeito ao acesso à arte e à cultura. Setton e Oliveira (2017), à luz de Bourdieu, lembram que os museus muitas vezes são percebidos como espaços elitizados, distantes do cotidiano popular, o que reforça desigualdades e barreiras simbólicas que produzem a sensação de não-pertencimento. Muitos dos licenciandos nunca haviam tido a oportunidade de visitar o museu, e a experiência funcionou, nesse sentido, como prática de democratização cultural, rompendo com essa lógica de exclusão e permitindo que construíssem um capital cultural coletivo, marcado pela diversidade e pela valorização da herança cultural. Para os futuros professores, essa vivência reforçou a importância da escola como mediadora do acesso e como espaço que deve garantir a todos o direito à arte e à cultura, ampliando repertórios e horizontes de mundo.

Vale ressaltar, ainda, que a Abordagem Triangular, consolidada por Ana Mae Barbosa também em espaços museais, inspira práticas pedagógicas que articulam leitura, contextualização e produção. No MON, os estudantes vivenciaram essa tríade não de forma teórica, mas concreta, ao relacionar as exposições com suas próprias interpretações e produções discursivas. Essa vivência reforçou que a arte não se limita à apreciação estética, mas se constitui como campo de produção de sentidos e de intervenção social.

Além disso, a visita se constituiu como um exercício de mediação intercultural. Ao se depararem com diferentes narrativas artísticas — ligadas a gênero, etnia, memória e natureza —, os licenciandos foram provocados a reconhecer que ensinar arte é também promover diálogo entre culturas, histórias e perspectivas diversas. Nesse processo, muitos relataram uma transformação em sua própria identidade docente em formação: não apenas como futuros transmissores de conhecimento, mas como mediadores capazes de construir pontes, favorecer a autonomia e fomentar práticas inclusivas. Essa experiência reforçou a compreensão de que a docência em Linguagens é também um percurso de reinvenção identitária, no qual o professor se constitui continuamente a partir de vivências culturais significativas.



Ainda em diálogo com Gohn, podemos destacar a dimensão cidadã da educação não formal. Para ela, esses espaços promovem a construção de identidades coletivas e fortalecem a autoestima e o pertencimento dos grupos. No MON, essa experiência foi vivida quando os estudantes reconheceram, nas obras, questões ligadas à diversidade cultural, à memória e às lutas sociais, reforçando o entendimento da arte como prática de cidadania.

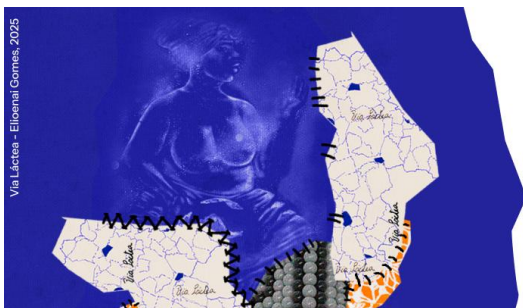
A questão metodológica também é central. Gohn lembra que, na educação não formal, as metodologias emergem das necessidades e problemáticas do grupo, em vez de serem impostas a priori. Isso se reflete na visita ao museu: a atividade não tinha como objetivo a memorização de informações sobre artistas, mas sim a construção coletiva de sentidos, a partir do olhar e da experiência de cada estudante.

O diálogo entre arte e educação também passa pela valorização da memória coletiva. Ao pensar o museu como espaço de preservação e reinvenção da memória, compreendemos que a formação de professores em Linguagens deve prepará-los para trabalhar a memória cultural como dispositivo pedagógico. Nesse processo, a visita ao MON se inscreve como prática de enraizamento e criação de vínculos.

É importante destacar, ainda, que a arte vivida nesses espaços rompe com a fragmentação disciplinar. No MON, a arte se conecta com história, política, filosofia, natureza, ampliando a visão dos licenciandos e estimulando-os a pensar suas práticas pedagógicas de forma integrada.

Outro aspecto significativo observado na visita foi a construção de um capital cultural coletivo, formado a partir do compartilhamento de experiências, leituras e interpretações. Esse acúmulo, vivido em grupo, fortaleceu não apenas os repertórios individuais, mas também a identidade do coletivo em formação, ampliando horizontes e promovendo a consciência do papel docente como mediador cultural.

Por fim, cabe ressaltar que a experiência museal também se configurou como prática de resistência e de invenção no cotidiano, aproximando-se do que podemos chamar de micropolíticas da arte: pequenos gestos de questionamento, de escuta e de criação que reconfiguram a forma como os futuros professores se relacionam com a cultura e com a docência. A formação crítica e estética dos licenciandos, assim, não se construiu apenas pelo contato com as obras, mas pela possibilidade de reinventar-



se como sujeitos docentes em diálogo com diferentes culturas, narrativas e micropolíticas, consolidando a arte como campo de resistência e de invenção pedagógica.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada ao longo deste artigo evidencia que a visita ao Museu Oscar Niemeyer constituiu uma experiência pedagógica singular, capaz de articular teoria e prática na formação inicial de professores de Linguagens. Ao situar o museu como território educativo, reafirma-se a ideia de que a aprendizagem não se restringe ao espaço formal da escola, mas se expande em diálogo com experiências não formais que ampliam o repertório crítico, cultural e estético dos estudantes, respondendo à questão central que orientou este estudo.

A fundamentação teórica discutida demonstrou que a pedagogia crítica de Paulo Freire, ao compreender a docência como práxis transformadora, encontra ressonância na Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa, que propõe a integração entre apreciação, contextualização e produção como eixos de ensino da arte. Somada a essas perspectivas, a noção de aprendizagem expansiva de Engeström permite compreender como os estudantes, diante de novos contextos e desafios, elaboram formas de pensar e agir que ultrapassam modelos tradicionais, construindo sentidos coletivos e inovadores para sua prática docente.

A reflexão de Maria da Glória Gohn foi igualmente central para este estudo, pois permite reconhecer a visita ao MON como prática de educação não formal, na qual se produzem aprendizagens ligadas à cidadania, à identidade coletiva e ao pertencimento. Esse aspecto foi fortalecido ao evidenciar que o acesso ao museu também se constituiu como prática de democratização cultural, rompendo com a lógica de elitização que ainda marca a fruição artística no Brasil. O deslocamento geográfico e simbólico vivido pelos licenciandos de São Paulo a Curitiba configurou-se, assim, como experiência de construção de um capital cultural coletivo, que ultrapassa o âmbito individual e se projeta como recurso pedagógico para a atuação futura desses professores.



Outro ponto relevante foi a compreensão da arte como campo político. O contato com obras e exposições que problematizavam questões de gênero, etnia, memória e natureza possibilitou aos estudantes vivenciar a arte como prática micropolítica, inscrita no cotidiano e nas disputas sociais. Essa dimensão reforçou a percepção de que o ensino de artes e linguagens pode se constituir como gesto político, de resistência e de criação de novas formas de viver, consolidando a docência como prática ética e transformadora.

Por fim, destaca-se que a visita ao MON também contribuiu para a formação intercultural dos licenciandos. Ao se confrontarem com múltiplas narrativas visuais, históricas e culturais, os futuros professores foram desafiados a repensar suas próprias identidades e a se reconhecer como mediadores interculturais, capazes de construir pontes entre diferentes experiências e promover práticas pedagógicas mais inclusivas, dialógicas e críticas. Assim, conclui-se que experiências imersivas em espaços culturais, quando integradas à formação docente, ampliam horizontes pedagógicos, fortalecem a dimensão ética e política da docência e consolidam o museu como território educativo, crítico e de resistência. Além disso, reafirma-se a importância de uma formação interdisciplinar em Linguagens, que articule múltiplos saberes e linguagens em diálogo, preparando professores para enfrentar a complexidade da educação contemporânea.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. Tópicos Utópicos. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

BARBOSA, Ana Mae. Arte-Educação no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 2002.

BARBOSA, Ana Mae. Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte. São Paulo: Cortez, 2008.

BARBOSA, Ana Mae. Abordagem Triangular no ensino das artes e culturas visuais. São Paulo: Cortez, 2010.

BOSI, Alfredo. O olhar. In: NOVAES, Adauto (Org.). O olhar. 9. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 65-76.



CHAUÍ, Marilena. Experiência do pensamento: ensaios sobre a obra de Merleau-Ponty. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

COSTA, Rogério da Silva; DIAS, Susana Oliveira; SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). Arte e política: questões, fissuras e práticas micropolíticas. Campinas: Alínea, 2015.

DEWEY, John. Arte como experiência. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ENGESTRÖM, Yrjö. Expansive learning at work: toward an activity theoretical reconceptualization. *Journal of Education and Work*, v. 14, n. 1, p. 133-156, 2001.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

OLIVEIRA, Camila. Como começa um museu?: práticas educativas e reflexos da interação entre museu e público. 1ª ed. – Curitiba: Appris, 2022.

RANCIÈRE, Jacques. O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica, 1991.

SETTON, Maria da Graça Jacintho; OLIVEIRA, Márcia Cristina de. Museus de arte, práticas culturais e a produção de legitimidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 32, n. 93, p. 1-17, 2017.

VYGOTSKY, Lev. Psicologia da arte. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ZARBATO, José Carlos. Educação patrimonial e museus: metamorfoses do significado cultural. *Educação & Realidade*, v. 44, n. 3, p. 1-19, 2019.